



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS**

ALESSANDRA NASCIMENTO DA CUNHA

**A VIAGEM COMO METÁFORA DA TRAVESSIA EXISTENCIAL DE
“SARGENTO GETÚLIO”, DE JOÃO UBALDO.**

CAMPINA GRANDE-PB

2014

ALESSANDRA NASCIMENTO DA CUNHA

**A VIAGEM COMO METÁFORA DA TRAVESSIA EXISTENCIAL DE
“SARGENTO GETÚLIO”, DE JOÃO UBALDO.**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa, da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau Licenciada em Letras.

Orientador (a): Prof. Dr. Eli Brandão da Silva

Co- Orientador (a): Prof. Esp. Huerto Lunna

CAMPINA GRANDE-PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

Cunha, Alessandra Nascimento da

A viagem como metáfora da travessia existencial de "Sargento Getúlio", de João Ubaldo [manuscrito] / Alessandra Nascimento da Cunha. - 2014.

29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Eli Brandão da Silva, Departamento de Letras".

1. Análise Literária 2. Viagem 3. Romance 4. Existencialismo 5. Metáfora I. Título.

21. ed. CDD 801.95

ALESSANDRA NASCIMENTO DA CUNHA

**A VIAGEM COMO METÁFORA DA TRAVESSIA EXISTENCIAL DE
"SARGENTO GETÚLIO", DE JOÃO UBALDO.**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Curso de Licenciatura em
Letras com Habilitação em Língua
Portuguesa, da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento à exigência
para obtenção do grau Licenciada em
Letras.

Aprovada em 23/07/2014

Prof. Dr. Eli Brandão da Silva / UEPB
Orientador

9,0 (nove)

Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães / UEPB
Examinador

8,0

Prof. Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues / UEPB
Examinador

8,5

MÉDIA OBTIDA: 8,5 (oito e meio)

**Dedico este trabalho a minha família,
em especial aos meus pais, que sempre
me apoiaram e fizeram-se presentes
em todos os momentos da minha vida.
Exemplos de pessoas honestas,
guerreiras e batalhadoras.**

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, pelo apoio total desde o início da graduação, sempre concedendo bons conselhos e se fazendo presente nos momentos difíceis com suas palavras positivas que acalmavam minha alma e não me deixavam se quer pensar em desistir.

Ao meu Pai, por compreender minhas dificuldades e sempre que possível me ajudar nas resoluções dos problemas e nas compras de alguns livros.

Aos meus colegas de curso, que percorreram os mesmos percursos que os meus e souberam superar os desafios acadêmicos, e aos que não concluíram a etapa final por algum motivo, mas que hoje já atingiram maioria dos seus objetivos migrando para outros cursos, se reencontrando em outra profissão.

À minha amiga Paloma, que sempre estava à disposição, e em incontáveis situações abria mão do seu descanso para me acompanhar nas longas noites de pesquisa para construção dos trabalhos científicos.

Ao meu orientador Prof. Dr. Eli Brandão da Silva, que expandiu caminhos durante minha graduação. Devo-lhe a aprendizagem da escrita científica, e o amor pelo texto literário.

Ao meu Co-orientador Huerto Lunna, pelas conversas, pelas dicas, pelas leituras solicitadas, sobretudo pela paciência, atenção e dedicação no decorrer da construção desse trabalho. Sua determinação e suas palavras positivas foram imprescindíveis e servirão para o restante da minha trajetória.

Aos professores Prof. Dr. Antonio Carlos de Melo Magalhães e Prof. Ms. Adalberto Teixeira Rodrigues que aceitaram o convite para participação da Banca, e contribuíram diretamente na minha formação intelectual, desde grandiosas palestras Aulas cativantes, repletas de conhecimentos literários a serem explorados.

Ao corpo docente do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual da Paraíba, em especial, aos professores Dr. Linduarte Rodrigues, Ms. Teresa Neuma, Ms. Paloma Sabata por sempre manterem a humildade, expor o exemplo de um profissional comprometido, e sempre despertar no discente a vontade de querer desenvolver-se em busca do êxito.

“É como se a viagem, o viajante e a sua narrativa revelassem todo o tempo o que se sabe e o que não se sabe, o conhecido e o desconhecido, o próximo e o remoto, o real e o virtual.”

(Octavio Ianni)

A VIAGEM COMO METÁFORA DA TRAVESSIA EXISTENCIAL DE “SARGENTO GETÚLIO”, DE JOÃO UBALDO.

RESUMO

Neste artigo, objetivamos analisar a obra *Sargento Getúlio*, de João Ubaldo Ribeiro, um prosador nordestino, escritor de temáticas diferenciadas, conhecido nacional e internacionalmente. Buscaremos identificar percursos figurativos que remetam a conceituações e metaforizações existencialistas que expressam as características do homem, como é o caso do medo, dúvida, liberdade, esperança, solidão, em especial a relação da *viagem* que brota na obra com um teor metafórico, plausível a instituir a identidade do personagem. Pretendemos expor interdiscursivamente as relações existentes entre literatura e filosofia, relacionando as teorias filosóficas com extratos textuais da obra em foco, interpretando assim sentidos inseridos na pluridiscursividade metafórica da obra, refletindo sobre o valor palimpséstico da literatura, bem como a essência do personagem *Getúlio*. Utilizaremos como referenciais teóricos Ianni (2003), Ricoeur (2000), Brait (2006) Maingueneau (1995), Ribeiro (1982), e outros.

PALAVRAS-CHAVE: Romance. Viagem. Existencialismo. Metáfora.

1. INTRODUÇÃO

Tendo em vista que as pesquisas que relacionam literatura e filosofia existencial não são exploradas com frequência, e pelo fato de que em torno da obra *Sargento Getúlio* é escasso, está evidente a relevância do desenvolvimento e concretização desta, nos meios acadêmicos e científicos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, que tem como objetivo expor aos leitores como a viagem é representada através da metáfora na obra, assim como identificar os percursos temáticos que remetam a conceituações e metaforizações da viagem como a busca da verdadeira identidade do personagem Getúlio, bem como suas crises existencialistas. Em nosso estudo, o método utilizado será bibliográfico, que possibilitará a análise da obra literária *Sargento Getúlio*, bem como um acervo crítico da obra e textos filosóficos referentes às temáticas escolhidas. Trata-se de uma pesquisa hermenêutica, de natureza qualitativa, efetivada por abordagem plurimetodológica, compreendendo elementos da semântica discursiva de Maingueneau e Fiorin, na análise, e num degrau hermenêutico, apoia-se em contribuições de Octavio Ianni e Paul Ricoeur.

A escolha da obra *Sargento Getúlio*, obedeceu ao critério de presença de percurso figurativo referentes aos sentidos da viagem como travessia existencial, tendo

como evidência de análise o personagem *Getúlio*. Os extratos textuais foram selecionados por critérios de presença patente de percursos figurativos referentes a temas existenciais e a análise foi efetivada sempre em diálogo com a filosofia existencialista.

Para validar os fundamentos teóricos da atual pesquisa, nos embasamos em Octavio Ianni (2003), que falará no primeiro capítulo do livro *Enigmas da Modernidade* sobre *A Metáfora da Viagem*, bem como os efeitos psicológicos, sociais e existenciais que um indivíduo encontra em si e no outro através da viagem, afirma que a história dos povos "está atravessada pela viagem", não importa se real (se ocorre o deslocamento geográfico, espacial e temporal), ou metafórica (sem o deslocamento físico, mas apenas o sensível ou sensorial), pois toda sociedade trabalha a viagem, "seja como modo de descobrir o 'outro', seja como modo de descobrir o 'eu'". A viagem destina-se, portanto, a ultrapassar fronteiras, a demarcar as diferenças e as semelhanças entre os povos.

Ricoeur (2000), falará em seu livro: *A metáfora Viva*, sobre metáfora e discurso filosófico, e metáfora e a semântica do discurso. A partir de estudos filosóficos, análise da obra, e análise discursiva entrelaçados, compreenderemos que a pesquisa torna-se complexa e para isso, buscaremos respostas para os questionamentos da caracterização da viagem como metáfora na obra em foco, a fim de compreender como a filosofia anda lado a lado com a literatura, e como a viagem em tom metafórico, nos sentidos conotativos e denotativos foi responsável pelo encontro do verdadeiro "eu" dotado de essência no personagem *Getúlio*.

2. UM PERCURSO EM TORNO DA OBRA DE JOÃO UBALDO RIBEIRO

João Ubaldo Ribeiro é nordestino, nasceu em Itaparica- Bahia, em 23 de janeiro de 1941, mas viveu seus onze primeiros anos de vida em Sergipe. Formou-se em Direito, pela Universidade Federal da Bahia, entretanto não exerceu a profissão. Pós-graduou-se pela mesma Universidade, e fez mestrado em Administração Pública e Ciência Política, pela Universidade da Califórnia do Sul. Foi professor da Universidade Federal da Bahia e da Universidade Católica de Salvador, e atuou como jornalista do *Jornal da Bahia e da Tribuna da Bahia*, distribuindo um leque de funções, dentre elas: repórter, redator, colunista, chefe de reportagem e editor-chefe. Escreve e colabora para jornais Brasileiros: *Folha de S. Paulo*, *O Globo*, *O Estado de S. Paulo*, mas não se restringe apenas no nosso País, destaca-se também no exterior nos jornais e revistas:

Diet Zeit (Alemanha), *The Times Literary Supplement* (Inglaterra), *O Jornal* (Portugal), *Jornal de Letras* (Portugal), e é colunista no *Frankfurter Rundschau*, na Alemanha.

Segundo consta na sua biografia elaborada pela Academia Brasileira de Letras, destacou-se ainda jovem como escritor literário brasileiro, e foi um dos poucos a participar do *International Writing Program da Universidade de Iowa*. Como ele trabalhava na imprensa, tinha um privilégio a mais que os demais e ficou conhecido como cronista, romancista, jornalista e tradutor. Com apenas 21 anos de idade, em 1963 escreveu seu primeiro livro, *Setembro não Tem Sentido*, que foi publicado em 1968. No ano de 1971, lançou o romance: *Sargento Getúlio* (uma de suas obras conhecidas internacionalmente), e com ele foi vencedor do prêmio Jabuti como revelação de autor. Em 1982, começou a escrever o romance: *Viva o Povo Brasileiro*, que se passa em Itaparica, narrando a história do País, foi publicado dois anos depois em 1984, e também recebeu o prêmio Jabuti, diferentemente de *Sargento Getúlio*, foi sucesso absoluto em vendas, em vista à popularização no mesmo ano João Ubaldo iniciou sua tradução para o inglês. Também em 1984, participou da produção de nove filmes pela TV canadense sobre a literatura na América Latina. Em 1989, o romance *O sorriso do largato* foi lançado no Brasil, e logo se transformou em minissérie, e por fim em 1994, foi publicado nos Estados Unidos. Em meados de 1995, ganhou o prêmio Die Blaue Brillenschlange, pelo melhor livro infanto-juvenil. Lançou o romance *O feitiço da Ilha do Pavão*, em 1997, e após dois anos o ilustríssimo *A casa dos Budas Ditosos*, que foi signo de um sucesso sensacional. Conforme indica as informações da Academia Brasileira de Letras, extraídas da página da *web*, os romances *Sargento Getúlio*, *Viva o Povo Brasileiro* e *O sorriso do largato* foram publicados nos Estados Unidos, União Soviética, Israel, Canadá, Dinamarca, Finlândia, Noruega, Hungria, Cuba, Alemanha, Inglaterra, Suécia, França, Itália, Portugal, Espanha e Holanda. Por expandir seus projetos, trabalhos e obras por diversificados países, ficou conhecido internacionalmente, sendo em 1999, escolhido dentre os maiores/melhores escritores do mundo para discutir e dar sua deposição ao jornal Francês, *Libération*, sobre o Terceiro Milênio.

A obra Ubaldiana possui um campo vasto, expande-se da escrita de diversos romances, contos, crônicas, ensaios, literatura infanto-juvenil, antologia, apresentação e organização de livros, adaptações para o cinema (*Sargento Getúlio*. Direção de Hermano Penna, 1983), televisão e teatro à tradução de suas obras para mais de dez idiomas, fato este que torna sua obra conhecida internacionalmente. Como é comum a

todo escritor, seja ele literário ou não, alguns textos (obras) se sobressaem em relação a outros. João Ubaldo foi eleito à cadeira 34 na Academia Brasileira de Letras, no dia 07 de Outubro de 1993 substituindo a vaga do jornalista Carlos Castello Branco.

O primeiro trabalho contemplando o escritor aconteceu em 1993, defendida na UNESP de Assis, por João Luís Ceccantini, tendo como título: *Vida e paixão de Pandonar, o cruel, de João Ubaldo*. Wilson Coutinho publica o livro *João Ubaldo: um estilo de sedução*, em 1998, com fins de exibir João Ubaldo como algo a ser apreciado pelo leitor, posteriormente o Instituto Moreira Salles publica a biografia, entrevistas e depoimentos no *Caderno de Literatura Brasileira*, em 1999. Zilá Bernd também reúne biografia e artigos sobre a obra Ubaldiana e publica o livro *João Ubaldo Ribeiro: obra seleta*, em 2005. Juvenal Batella de Oliveira, defende a tese *Este lado para dentro: Ficção, confissão e disfarce em João Ubaldo*, em 2006. Nos dias hodiernos temos alguns de livros, dissertações, entrevistas e teses em torno de João Ubaldo, sua fortuna crítica é extensa apesar de não ser popularizada e faz jus à abundância de sua obra.

Quanto à caracterização da obra de *Ribeiro*, o romance é ponto privilegiado. Segundo Giacon (2008), suas obras são consideradas inovadoras, pois rompe com o tradicionalismo de textos naturalistas descritivos, a linguagem é nomeada de parajornalística, herdada por Miller, Kerouac e Mautner. João Ubaldo não segue de modo linear uma temática específica no decorrer das suas produções, fato que se justifica pelo fato de escrever para sobreviver, para ascender e permanecer na mídia, discurso que ele afirma em suas entrevistas sem menor restrição, por isso é perceptível uma miscigenação demasiada de temas nas suas respectivas fases, sobretudo na segunda. Na primeira fase, as obras (em específico Sargento Getúlio) apresentam referências quanto à ideologia e ao engajamento, que ocorre por sua vez quando há diálogo entre a estrutura linguística e o momento real histórico. Observemos o que diz Giacon (2008, p.5):

O engajamento do jornalista e escritor JUR, perpassa as ações de Getúlio: de homem, de torturador, de posição política, que ao expressar dúvida entre 'Levo, não levo', não representa apenas uma reprodução hamletiana, mas um momento de dúvida, que no início dos anos da década de 1970, assola os intelectuais brasileiros, que se encontram perdidos entre 'Fico ou não fico', pois parece que ler, pensar e falar tornaram crimes para o regime.

Percebemos que involuntariamente ou não, a obra apresenta engajamento, e relações com fatos políticos e sociais que ocorriam no País. Na segunda fase,

constatamos que sua obra pende para discussão de questões políticas em decorrência da sua formação profissional em Administração e Ciências Políticas, o que deu fundamentos para a origem do livro *Política*, publicado em 1981, e *Viva o Povo Brasileiro* com a tipologia de um romance histórico, exaltando as camadas populares.

Nos anos 80, o Brasil estava empolgado com o incentivo dos programas federais e com o surto de criar um hábito de leitura entre crianças e adolescentes, por sua vez, Ubaldo não perdeu a oportunidade e publicou o livro *Vida e Paixão de Pandomar, o cruel*, totalmente propício à época. Desviando radicalmente o foco das temáticas anteriores, é publicado: *A casa dos Budas Ditosos*, em 1999, feito por encomenda segundo o autor, agraciando como temática o sexo e relatando a vida sexual de uma mulher que degustou várias possibilidades sexuais (atos sexuais) de diversas maneiras, fazendo tudo sem pudor. Em consequência da temática, por romper com o tradicionalismo, o livro fez um sucesso imediato nas livrarias do Brasil, liderando o ranking dos mais vendidos. Na terceira fase, a obra sai de evidência e o escritor aflora, tendo em vista que se inicia algumas pesquisas críticas relacionadas a ele nas universidades, no meio acadêmico-científico, a emergir algumas teses, dissertações, colóquios, simpósios, seminário. Em 2000, temos mais uma inovação do autor, posto que é publicado um livro em formato *e-book* (o primeiro do Brasil) *Miséria e Grandeza do Amor de Benedita*, que é vendido exclusivamente pela internet, disponível na página do Submarino.

João Ubaldo traz consigo uma característica relevante quanto ao espaço geográfico de suas obras. Grande parte delas como: *Sargento Getúlio*, *Viva o Povo Brasileiro* e *A casa dos Budas Ditosos*, tem como espaço o nordeste Brasileiro, quase sempre que em Sergipe ou no estado da Bahia, isso se justifica quando identificamos que grande parte da sua infância foi vivida no nordeste, fato este que reflete na elaboração das suas prosas. *Sargento Getúlio*, por exemplo, é um romance baseado em fatos reais da vida pessoal do escritor João Ubaldo Ribeiro, que cresceu ouvindo os episódios, aventuras e as missões militares que seu pai, Manoel Ribeiro, chefe da polícia militar de Sergipe, tinha que efetuar.

O romance narra o trajeto do personagem *Getúlio*, sargento do quadro da polícia militar do Estado de Sergipe, que tem como ordem do Coronel Acrísio Antunes levar um preso do interior de Sergipe até Aracaju com um veículo, tipo Hudson de cor preta e com a companhia do seu amigo *Amaro*, homem calado e de sua confiança, enfrentarão a travessia do sertão. No meio da missão (viagem) há uma mudança nos planos do

Coronel, em decorrência de complicações de cunho político, e um mensageiro é encarregado de comunicar a *Getúlio* que soltasse o preso e desse por encerrada a missão que lhe foi concedida. O personagem tem estereótipo de exterminador, fiel ao seu comandante, corajoso, feroz e sempre disposto a acatar ordens que lhes eram dadas. Contudo, ele decide pela primeira vez desconsiderar a contra ordem mandando liberar o prisioneiro e seguir a missão, apesar de ter dúvidas quanto à veracidade da informação, resolveu levar a missão à frente, porque o que ele queria era honrar sua palavra com o seu chefe e concretizar sua tarefa, mesmo sabendo que para isso poderia ter consequências negativas e arriscar sua própria vida. Segue a viagem, tortura o prisioneiro, perde seu amigo *Amaro* em meio a um confronto policial, mas não desiste, em decorrência dos fatores políticos e de seguir com a viagem por conta própria. É visto como um policial fora da lei, porque está indo contra as ordens do seu superior, até que depois de atravessar quase que todo o percurso, ele é cercado por policiais, já debilitado recebe um tiro e vem a falecer.

Constatamos duas abordagens no eixo acadêmico no que diz respeito à fortuna crítica/analítica de *Sargento Getúlio*. Uma tese de Doutorado, defendida na Universidade Federal de Minas Gerais, que tem como título *Dominação e violência, entre a história e a ficção: uma análise de Sargento Getúlio de João Ubaldo Ribeiro*, escrita por Fábio Roberto Rodrigues Belo, em dezembro de 2007. A análise centra-se no viés patrimonialismo patriarcal e burocracia, abordando as características de cada um, e a linha tênue que há entre elas, averigua a conduta do personagem, fruto dessa relação, e examina a tensão existente entre história e ficção. O romance traz fatos históricos políticos dos anos 50, contudo expõe uma mistura com a ficção através de estórias mirabolantes, neologismos e canções.

Um artigo científico, defendido por Kátia Caroline de Matia (discente) e Wilson Rodrigues de Moura (Mestre), ambos da Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão, tendo como título *A constituição trágico-metafórica do sertão na obra Sargento Getúlio de João Ubaldo Ribeiro*, e publicada em dezembro de 2010. A análise consiste no conflito entre o Sertão e o Litoral, e na posição do personagem em considerar o sertão como centro do mundo. *Getúlio* constitui o herói trágico moderno, decidindo renegar as ordens fornecidas através do mensageiro por seu superior, rotulando assim a obra como tragédia moderna.

Diante da popularização da obra, que já foi adaptada para o cinema e teatro, traduzida para diversos idiomas, ocupando um extenso espaço nacional e

internacionalmente, em especial por ser considerado um dos livros mais importantes da literatura Brasileira, portanto há uma expectativa de que sua fortuna crítica faça jus diante dessa circunstância. Verificamos, no entanto, uma ausência de pesquisa científica em torno da obra. São extremamente delimitadas e restringem-se a analisar o paradigma entre o sertão e o litoral, basicamente.

Tendo em vista esses fatores, a atual pesquisa se faz necessária, a fim de estender a fortuna crítica de *Sargento Getúlio*, contribuindo assim para um aprofundamento de análise crítica e ser objeto de subsídio para pesquisas posteriores. Torna-se duplamente necessária por apresentar um viés ainda não explorado nos meios científicos, uma vez que não encontramos nenhum estudo que contemple a relação existente literatura e filosofia presentes na obra: a viagem como metáfora responsável pela busca da essência do *ser*, e as relações da filosofia existencial que cercam o personagem, fruto das inquietações existenciais.

3. TRAJETÓRIA TEÓRICA

Instituindo como meta discorrer discussões e apontar a partir de extratos textuais a relação interdiscursiva existente entre a filosofia e a literatura, a predominância dos fatores da doutrina existencialista e, sobretudo a noção da *viagem*, bem como sua instauração como metáfora, desvendando paulatinamente o sentido conotativo que esta prosa nos mostra, embasando-se num degrau hermenêutico em Ianni (2003), e num degrau discursivo em Maingueneau (1995), Thiphaine (2008), Brait (2006), dentre outros.

3.1 Relações Interdiscursivas

Bakhtin, apesar de não pronunciar em nenhuma ocasião a palavra *interdiscurso*, é perceptível que suas teorias já manifestavam essa ideia sob o nome de dialogismo, o qual se referia ao dialogismo entre discursos. Como afirma:

O diálogo real (conversa comum, discussão científica, controvérsia política, etc). A relação existente entre as réplicas de tal diálogo oferece o aspecto externo mais evidente e mais simples da relação dialógica. Não obstante, a relação dialógica não coincide de modo algum com as relações existentes entre as réplicas de um diálogo real, por ser mais extensa, mais variada e mais complexa. (Bakhtin, 1992, p. 353).

De forma simples e clara, a noção essencial do dialogismo é exposta, e sem dubiedade alguma, foi base para o que chamamos nos dias hodiernos de *interdiscurso*. Nossos discursos se relacionam diretamente com outros discursos, todo texto traz consigo uma “bagagem” de diálogos com outros textos. Não há um discurso, tampouco um texto que contemple total originalidade, isto porque todos os textos são embasados em leituras e pensamentos anteriores. Sobre isso Samoyalt (2008, p.18) afirma:

O texto aparece então como o lugar de uma troca entre pedaços de enunciados que ele redistribui ou permuta, construindo um texto novo a partir de outros textos anteriores. Não se trata, a partir daí, de determinar um intertexto qualquer, já que tudo se torna intertextual; trata-se antes de trabalhar sobre a carga dialógica das palavras e dos textos, os fragmentos de discursos que cada um deles introduz no diálogo.

A complexidade do texto literário justifica-se quando apreciamos sua potência de dialogar com outros discursos, ultrapassando os meros limites da reprodução. Revela fatos da condição humana (físicos e psicológicos), e por isso tem um poder humanizador. Torna-se encantadora por apresentar verossimilhança, ser capaz de adentrar o leitor a experiências semelhantes à realidade, induzir o leitor a vivenciar o que já foi vivido, ou o que se tinha vontade de viver. Por ser de caráter polissêmico, abre-se para vastas e diversificadas leituras, contudo ponderadamente, conforme pontifica Amorim (2011, p.70):

Devemos indagar sobre as motivações de tudo que o texto contém, respeitando sua integridade. Mesmo tendo todo o direito à indagação, não podemos *inventar* o texto para a conveniência da nossa análise. Podemos pressupor e imaginar, mas não substituir o texto que temos diante de nós pelo texto que desejamos. A pressuposição e a imaginação, depois de seu *passoio*, devem voltar ao texto e cotejar suas inferências para ver se o texto as confirma ou as rejeita.

Fica explícito que o texto literário permite a interpretação de vários sentidos, e por isso é caracterizado como texto que traz uma multissignificação, contudo nem todos são pertinentes, podemos ter uma determinada liberdade na imaginação, mas respeitando sempre os limites que o texto concede. Por abranger um espaço grandioso e significativo, permite ao leitor “viajar” nas suas análises, que por sua vez são subjetivas, fazendo com que cada leitor tenha uma interpretação divergente de um texto, seja ele prosa ou poesia. Alguns fatores irão influenciar diretamente na análise da obra, o conhecimento cognitivo, conhecimento de outras ciências, da vida e obra do autor são elementos dentre outros que são capazes de fornecer coordenadas ao leitor.

Por exemplo, a obra *Dom Casmurro*, do Machado de Assis, já foi estudada nos meios acadêmicos por um leque de vieses como *visões da vida no Rio de Janeiro no Segundo Reinado*, *Configurações da complexidade da vida humana*, *Dissimulação do erotismo feminino*, *O adultério*, *A dívida*, *O ressentimento* e todos estes cabem à obra, assim como *Sargento Getúlio*, citado anteriormente já foi estudado de forma escassa por um direcionamento de cunho regionalista, e na atual pesquisa vamos desviar a evidência das pesquisas já existentes, e olhar para as metáforas presentes na obra e interpretá-la de forma inovadora, através dos percursos figurativos que remetam sua analogia com extratos textuais filosóficos.

Por o termo *intertextualidade* englobar uma variedade de sentidos, Genette (1982) distingue as relações transtextuais existentes, e diferencia o conceito da intertextualidade, afirmando que a primeira restringe-se,

[...] a prática tradicional da citação (com aspas, com ou sem referência precisa); sob uma forma menos explícita e menos canônica, a do plágio (em Lautréamont, por exemplo), que é um empréstimo não declarado, mas ainda literal; sob uma forma ainda menos explícita e menos literal, a da alusão, isto é, de um enunciado, cuja plena inteligência supõe a percepção de uma relação entre ele e um outro ao qual remete necessariamente uma ou outra de suas inflexões, que, de outro modo, não seria aceitável (GENETTE, 1982, p.8).

A relação que surge entre o romance e os textos filosóficos, em específico *A Metáfora da Viagem*, de Ianni (2003), aborda relações de interdiscursividade, por incorporar temas e percursos figurativos de um discurso em outros ou simplesmente o diálogo entre eles, fato este que não implica a intertextualidade. Segundo Brait (2006, p.181):

Há claramente uma distinção entre as relações dialógicas entre enunciados e aquelas que se dão entre os textos. Por isso, chamaremos qualquer relação dialógica, na medida em que é uma relação de sentido, interdiscursiva. [...] Por exemplo, quando a relação dialógica não se manifesta no texto, temos interdiscursividade, mas não intertextualidade. No entanto, é preciso verificar que nem todas as relações dialógicas mostradas no texto devem ser consideradas intertextuais.

Na análise será considerado que o processo interdiscursivo ocorre quando se incorporam temas, percursos temáticos de um discurso em outro. Observa-se que o discurso, ao definir sua identidade em relação ao outro, constitui uma heterogeneidade, revelando, por um lado sua identidade e, por outro, sua diferença (MAINGUENEAU, 1995). O interdiscurso pode ser mais bem entendido através da distinção, feita por

Maingueneau, entre as noções de universo discursivo; campo discursivo; e espaços discursivos. O primeiro, constituído pelo conjunto de formações discursivas de todos os tipos que interagem numa dada conjuntura, não podendo ser, por causa de sua amplitude, apreendido em sua globalidade; o segundo refere-se ao conjunto de formações discursivas que se encontram em concorrência e se delimitam reciprocamente em uma região determinada do universo discursivo, podendo ser exemplificado pelo campo político, filosófico, gramatical, teológico, etc.; o terceiro, os espaços discursivos, delimitam subconjuntos ou recortes que o analista isola no interior de um campo discursivo tendo em vista os propósitos específicos de sua análise (MAINGUENEAU, 1995). A pesquisa estará inserida no campo discursivo, como distingue Maingueneau, visto que se delimitam no universo discursivo, o campo da literatura e o da filosofia será o foco de nossos estudos científicos, bem como suas relações convergentes.

3.2 Representação da viagem como Metáfora

A temática da viagem se faz presente na literatura desde sua origem. O grande clássico de Homero (artista que cantava poema de caráter heroico), a *Odisséia* (um dos principais poemas épicos), descreve experiências vividas por *Odisseu*, que tenta retornar à sua casa, em Ítaca, após o final da Guerra de Tróia, contudo a viagem é marcada por aventuras, passagem por vários lugares, e somente depois de muitas provas consegue chegar ao seu destino, tendo uma duração de dez anos. Outras obras literárias também trazem a *viagem* como eixo norteador. Na *Divina Comédia*, Dante caminha pelo mundo mítico, faz uma viagem que gerará vários acontecimentos em três “planos”: Inferno, Purgatório e Paraíso. *Eneida* é um poema épico latino (com grandes vestígios de *Ilíada* e *Odisséia*), escrito por Vergílio. Conta a sina de *Enéias*, que viaja pelo Mediterrâneo até chegar à Península Itálica. Sua viagem é marcada por grandes obstáculos e desafios, tal qual àqueles enfrentados por *Odisseu*. *Os Lusíadas*, escrito por Luís Vaz de Camões, composto por dez cantos, e dividido entre Introdução (proposição, invocação e dedicatória), Narração e Epílogo, tem como conteúdo a viagem (recheada de aventuras e povoada por criaturas míticas) de *Vasco da Gama* às Índias.

Nessa mesma perspectiva que rodeia as consagradas obras literárias, temos em *Sargento Getúlio* a viagem como centro do romance. O personagem *Getúlio* submete-se a levar um preso udenista da Bahia até Aracaju, e em meio a aventuras violentas e de

sua passagem por múltiplos lugares, ele encontra-se, descobre-se e passa a respirar sua essência.

A questão temática da viagem está em constante presença tanto nos fatos históricos quanto na literatura ficcional. Torna-se visível a relevância da viagem para uma compreensão do desenvolvimento do mundo, descobertas e o próprio reconhecimento da identidade do homem. Como descreveu Fernando Pessoa, em um dos seus poemas mais famosos *Mar Português* (1934): “Ó mar salgado, quanto do teu sal são lágrimas de Portugal.”. O poeta apenas descreveu um fato, que é de conhecimento do senso comum, que são as expedições que saíam de Portugal, e através delas foram “descobertas” novas terras antes desconhecidas, como o nosso território que hoje é chamado de Brasil.

Octavio Ianni, em seu livro *Enigmas da Modernidade* (2003), discute especificamente no primeiro capítulo *A Metáfora da viagem*, como a viagem apresenta-se, quais seus sentidos (real e ficcional), consequências, e como ela está presente na história, na sociedade e no mundo. A viagem é trabalhada de forma que tanto nos possibilita a descoberta do novo, do “outro”, quanto da nossa identidade, do nosso “eu”. Como afirma Ianni (2003, p.13):

Em geral, a viagem compreende várias significações e conotações, simultâneas, complementares ou mesmo contraditórias. São muitas as formas das viagens reais ou imaginárias, demarcando momentos ou épocas mais ou menos notáveis da vida de indivíduos, famílias, grupos, coletividades, povos, tribos, clãs, nações, nacionalidades, culturas e civilizações. São muitos os que buscam o desconhecido, a experiência insuspeita, a surpresa da novidade, a tensão escondida nas outras formas de ser, sentir, agir, realizar, lutar, pensar ou imaginar.

A viagem constitui-se como metáfora, isto porque através desse percurso, o personagem encontra sua outra forma de *ser*, o que na verdade seria o encontro de sua outra essência. Segundo Ricoeur, a metáfora possui como função fundamental renovar figuras e acepções lingüísticas, contudo, ele justifica distintamente a passagem da estrutura para o mundo da obra em relação às obras literárias:

Este se enuncia deste modo: por sua estrutura própria, a obra literária só desvela um mundo sob a condição de que se suspenda a referência do discurso descritivo. Ou, para o dizer em outras palavras: na obra literária, o discurso desvela sua denotação como uma denotação de segunda ordem, graças à suspensão da denotação de primeira ordem do discurso. (RICOEUR, 2000, p. 338)

O caminho que um indivíduo percorre para o encontro de si é marcado por uma travessia existencial envolvendo angústia, dúvida, desespero, liberdade e responsabilidade. Após uma análise específica de natureza bibliográfica, percebemos a linha tênue e sensível entre filosofia e literatura como um trabalho de transfigurar para o plano ficcional a descrição dos impasses existenciais. Vários percursos temáticos presentes na obra em foco nos remetem a conceituações da filosofia existencial.

De acordo com José Fernandes (1986, p.21)

à medida que a personagem busca uma explicação para a existência, para o seu fracasso, ou para seu abandono, a travessia se configura como a procura do humano e a obra se interliga, de alguma forma, com a filosofia da existência. E, em consequência, a travessia fictícia passa a corresponder, simbolicamente, à travessia real do ser no mundo.

No mundo contemporâneo a arte literária acaba adquirindo o papel de uma arte crítica-reflexiva, colocando em evidência a tarefa de questionar a situação do homem, suas reflexões sociais e seus valores. A literatura objetiva possibilitar subsídios ao leitor de uma experiência no mundo. É visualmente reconhecido o poder da literatura em decorrência dos fatos verídicos humanos. O existencialismo por sua vez, ao tratar questões que assegurem a existência do homem, deixa transparente o vínculo que estas exercem entre si.

4. CONSIDERAÇÕES SOBRE O PERSONAGEM SARGENTO GETÚLIO

4.1 Atravessando com Homero

Percebemos que a constante presença da temática da viagem (o deslocamento do personagem) é o foco narrativo de algumas obras, e dentre elas destacam-se as clássicas *Iliada e Odisséia*, escritas por Homero (um dos primeiros poetas da Grécia Antiga) entre os séculos 8 e 9 a.C. São fontes de um conhecimento extremamente relevante para a literatura e sociedade, posto que ambas abordam tradições e costumes da Grécia.

Assim como a *viagem* está presente desde o marco da literatura narrativa ocidental, o ponto metafórico transcendental ao ato de viajar, que despertará inquietações no ser existente também se manifesta na antiguidade.

A viagem pode despertar no homem uma busca incansável de conhecimento, alternadamente um conhecimento de si aflorando sua essência e o conhecimento do outro, do novo, do inesperado. A filosofia existencialista dialoga diretamente com as inquietudes humanas resultantes da viagem. Há fatores em comum entre as obras de *Homero e Sargento Getúlio*.

Iliada e Odisséia são pertencentes ao gênero épico, portanto segundo o Dicionário online de Português (2014) é um poema extenso que contém acontecimentos históricos narrados em verso, relata os acontecimentos, ações e feitos de um herói histórico representando uma determinada cultura/sociedade.

Iliada se caracteriza por trazer personagens da mitologia Grega, narra uma série de acontecimentos no decorrer dos seus cantos, a condição humana da Grécia antiga é abordada por Homero, os valores morais, materiais, amizade, hora, e vários outros acontecimentos da Guerra de Tróia. Contudo, sua temática principal é a ira do personagem *Aquiles*, que se inicia quando Agamémnom se recusa a devolver Criseida (mulher que ele recebeu como prêmio) ao sacerdote do deus *Apolo*, e para amenizar os castigos que *Apolo* concedeu, ele resolve retirar Briseida (mulher que ele recebeu como prêmio) de *Aquiles*, que se sentirá extremamente ofendido. Com o despertar da ira, temos a construção do herói e semideus, que não temeu o seu destino, mostrou coragem, força e não é por acaso que é chamado de guerreiro de Tróia.

Odisséia é a sequência da *Iliada*, narra o retorno do herói Odisseu para casa, após o término da guerra de Tróia. Sua viagem é marcada por diversas aventuras, batalhas e por maldição dos deuses é impedido de voltar à sua terra e para os braços da sua amada Penélope. Ulisses fica preso na ilha de Calypso por muito tempo por conta de uma promessa que uma região cheia de mulheres promove aos marinheiros; O deus Éolo (deus do vento) lança-o para lugares mais distantes; O lugar no qual foi jogado era a ilha de uma bruxa *Circe*, que termina por transformar os marinheiros em porcos; Taparam os ouvidos com cera para não serem atraídos por sereias que devoravam homens, essas foram algumas das muitas peripécias enfrentadas por Ulisses. Uma qualidade define-o: a astúcia. Venceu a falta de esperança, sempre com coragem e força, suportou a solidão, a dor da tristeza, a ausência da sua esposa e do seu filho, foi humilde e paciente, acreditou que chegaria a hora de sua volta à Ilha de Ítaca e suportou todos os desafios impostos, e por isso é considerado um dos heróis mais conhecidos de todos os tempos.

Em *Sargento Getúlio* detectamos pontos em comum em relação às obras clássicas citadas anteriormente, vejamos o fragmento a seguir:

Porque esse caso já está com cheiro de podre, diz o padre, e eu nem sei se vosmecês das duas uma: ou dá um fim direto nesse cristão, louvado seja o Nosso Senhor Jesus Cristo, para sempre seja louvado, ou então solta ele, diz o padre, porque não sei mais se é possível levar ele para a capital, essa é que é a verdade. Inda mais, diz o padre, que temos aqui trocidades, dentes arrancados, violências, e os tempos estão mudando e vosmecê cortou a cabeça dum tenente e não sei como é que isso vai ser, inda se fosse um cabo, qualquer coisa assim, mas como é que se vai cortar a cabeça dum superior mesmo no aceso, acho que é maluquice. [...] E se benzeu e disse que não precisava dizer aquilo. É que a situação mudou, diz o padre, não sei se vosmecê vai poder levar o homem para Aracaju, porque lá está uma novidade de gente e uma porção de jornais e dizem que quando vosmecê chegar vão lhe encher o couro e soltar o homem. Não acredito que Antunes possa lhe sustentar. Ah, isso não, se Antunes não me sustenta, o que me sustenta? Não sei, disse o padre, e enfiou as duas mãos pelo meio da batina com as pernas escarranchadas e ficou com a cabeça pendurada. (RIBEIRO, 2007, p. 86).

O personagem *Getúlio* assume um papel semelhante ao de *Aquiles e Ulisses*, logicamente com contextos históricos extremamente divergentes. O protagonista é incumbido de uma ordem feita pelo seu coronel de conduzir um prisioneiro de Paulo Afonso até Aracaju, há uma mudança nos planos e seu chefe manda avisá-lo do abandono da missão. Ele recebe conselhos do padre para pôr um fim em tudo, mas assume uma atitude de herói trágico moderno, decidindo seguir adiante, não deixando nada abatê-lo e sempre com muita coragem, determinação e luta, deixando o medo se fazer ausente nos seus sentimentos.

Trata-se de um período que se predomina o coronelismo, sistema de poder político que teve auge na República Velha. O poder se restringia nas mãos de um grande proprietário de terras, senhor de engenho, o título de tenente, coronel, capitão e major eram simplesmente comprados por quem tivesse mais recursos, conseqüentemente o coronel passa a ser visto como o homem mais poderoso de sua comunidade. *Getúlio* é marcado pela caracterização do homem sertanejo, contendo um pouco da figura de *Lampião*, mantém o radicalismo e o pensamento de que através de suas lutas, trabalho digno, respeito, fidelidade aos seus superiores surgirão suas conquistas:

Depois, o chefe me mandou buscar isso aí e eu fui, peguei, truxe, amansei, e vou levar porque mesmo que o chefe agora não possa me sustentar, eu levei o homem, chego lá entrego. É preciso entregar o bicho. Entrego e digo: ordem cumprida. Depois o resto se aguenta-se como for, mas a entrega já foi feita, não sou homem de parar no meio. Se for assim mesmo como se diz que é, espero as outras ordens, porque essa está dada

e nem ele que viesse aqui e me pedisse para não levar eu não deixava de não levar, porque possa ser que ele esteja somente querendo me livrar de encrenca e eu não tenho medo de encrenca, eu levo esse lixo de qualquer jeito, chego lá e entrego. Nem que eu estupore. Quero ver esse bom em Aracaju que me diz que eu não posso, porque eu sou Getúlio Santos Bezerra e igual a mim ainda não nasceu. Eu sou Getúlio Santos Bezerra e meu nome é um verso e meu avô era brabo e todo mundo na minha raça era brabo e minha mãe se chamava Justa e era braba e no sertão daqui não tem ninguém mais brabo do que eu, todas as coisas eu sou o melhor. Pode vim. Getúlio Santos Bezerra eu me chamo, e enquanto um carneiro qualquer um mata com uma mão de pilão na testa eu dou um murro na testa e mato esse carneiro ou outro que tenha e mato qualquer vivente e esses ferros que eu carrego eu manejo. Corro, berro, atiro melhor e sangro melhor e bebo melhor e luto melhor e brigo melhor e bato melhor e tenho catorze balas no corpo e corto a cabeça e mato qualquer coisa e ninguém me mata. E não tenho medo de alma, não tenho medo de papafigo, não tenho medo de lobisomem, não tenho medo de escuridão, não tenho medo de inferno, não tenho medo de zorra de peste nenhuma. E não escuto liberdade, não converso fiado, não falo de mulher, não devo favor e não gosto que ninguém me pegue. O senhor já ouviu falar de meu nome, Getúlio Santos Bezerra, sou eu mesmo e quando eu dou risada pode todo mundo tremer e quando eu franzo a testa pode todo mundo tremer e se eu bater o pé no chão pode todo mundo correr e se eu assoprar na cara de um pode se encomendar. Sou curado de cobra e passo fome, passo frio e passo qualquer coisa e não pio e se me cortarem eu não pio. Durmo no chão, durmo em cama de vara, durmo em cama de couro, ou então não durmo e quem primeiro aparecer primeiro quem atira sou eu e quando atiro não atiro nas pernas, atiro na cara ou atiro nos peitos e os buracos que eu faço às vezes é um em cima do outro e tem uma coisa: em Sergipe todo não tem melhor do que eu e se eu lhe digo que não tem um melhor do que eu em Sergipe, não vejo esse bom, estou lhe dizendo que não tem melhor no mundo, porque essa é uma terra macha e eu sou o macho dessa terra. Se for para esperar, espero, mas esperar não é ficar. (RIBEIRO, 2007, p.87-88).

Apreciamos em volta da figura do protagonista um sujeito que mantém sua palavra, uma vez dita jamais se desfaz, e a todo custo tem que ser concretizada. Há uma realização individual e um orgulho imenso de ser esse homem de raça, feroz, que impõe temor em todos e age sempre de cabeça erguida e com muito compromisso as ordens impostas pelo seu superior. O ápice da sua posição de homem guerreiro, bélico e radical se dá quando ele cita que enfrentaria a própria ordem do chefe por não ter medo de encrenca.

4.2 Existencialismo: Liberdade e Dúvida

O termo “existencialismo” é julgado como novo, por ter seu auge entre meados de 1945 a 1960, contudo, essa doutrina filosófica manifesta-se no ser humano através da figura de Sócrates, que sem dúvidas concedeu um suporte para a concretização desse

pensamento, do qual nomeamos hoje como existencialismo. Como foi pontuado por Huisman, em seu livro *História do Existencialismo* (2001, p.15)

O diálogo socrático constitui um “despertar existencialista” [...] Sócrates afirmou efetivamente a primazia da existência sobre o conceito não só mediante a prática do diálogo, mas também recomendando a seus discípulos experimentarem seus próprios limites a fim de tomar consciência deles. Como o filósofo existencialista, Sócrates tinha consciência de que o mal reside na ignorância em que o homem se encontra do que ele é e do que ele sabe.

Tornam-se visíveis as contribuições de Sócrates, sobretudo quando paramos para analisar acerca da sua famosa frase: “Conhece-te a ti mesmo”, que por sua vez, é de conhecimento do senso comum, entretanto este fato não a faz ser de menos importância. A frase citada acima é recheada de perspectivas existenciais, e conduz o indivíduo a refletir sobre o que somos e o que queremos, e essa reflexão nos causará uma infinidade de dúvidas e tantos outros sentimentos que irá nos acompanhar em nossa existência.

Os filósofos clássicos abordavam a essência antes da existência, Sartre é considerado o “pai do existencialismo”, construiu um pensamento da existência sem referências antecedentes, rompeu o paradigma colocando a existência precedendo a essência, o homem existe primeiro para somente depois definir sua essência em decorrência dos seus atos. O autor justifica essa premissa afirmando que: “Fazer e, ao fazer, fazer-se e não ser nada senão o que se faz” (SARTRE, 1944, p.11). Temos uma liberdade absoluta, contudo somos responsáveis pelo caminho que trilhamos e as escolhas que optamos seguir, em nosso percurso de vida somos automaticamente obrigados a assumir a condição de existente e efetuar nossas escolhas, posto que recusar a escolher é também uma forma de escolher, como afirma Sartre.

O trajeto percorrido, o ato de viajar despertará dúvidas, medos e liberdade. *Getúlio* exibe no decorrer da obra características fortemente existenciais; angústia, medo, liberdade e dúvida, apesar de sua demasiada valentia. São os sentimentos marcantes que definem e rodeiam o romance. Os existencialistas divergem em suas formas, apresentam formas individuais de pensamentos e de reflexões em torno da existência. Nos deteremos a Sartre e Kierkegaard, por ambos abordarem o livre-arbítrio enfaticamente. Kierkegaard embora tenha influenciado o existencialismo religioso do século XX (ponto este que irá divergir da visão Sartreana), sua obra associa-se

abundantemente a pensadores existencialistas ateus, enfatizando a questão da liberdade.

Quanto a isso:

O drama existencial do homem consiste por assim dizer numa culpabilidade antes mesmo de ter pecado: ao nascermos despidos de justificação, estamos imediatamente em estado de angústia e, por isso mesmo, em relação ao pecado [...] O instante que precede o agir é um estado equívoco para o homem: angustiado pela ausência de justificação relativa à sua própria existência, este 'torna-se então culpado e sucumbir à atração da angústia através da própria repulsa que ela lhe inspira. É a *vertigem da liberdade*'. A consciência absoluta da falta inverte a angústia repulsiva em angústia atrativa; a flutuação do espírito é então substituída pela vertigem do poder frente às possibilidades que se oferecem ao homem kierkegaardiano. (HUISMAN, 2001, p. 44-45.)

A existência humana precede uma liberdade sem limites, pois mesmo quando não escolhemos algo automaticamente fazemos uma escolha por não escolher. Configuramo-nos como indivíduos autônomos, nenhum pouco passivo no que se refere às escolhas e nossos atos durante o percurso da vida humana. Na obra em foco, o protagonista recebeu mais uma vez ordens de que não levasse a missão adiante, questionou o porquê do chefe não ter ido pessoalmente avisá-lo, e o 'mensageiro' justificou falando que não era possível, pois iria despertar desconfiança do partido político oposto, isso fez com que ele ficasse dividido entre dois caminhos:

Assim sendo, eu posso soltar o homem, mas com vosmecês aqui não solto, de forma que espero vosmecês ir saindo na mesma paz que entraram e depois que vosmecês sair eu solto o homem e vou embora. Não sei direito como é que eu falei assim, mas de repente eu estava me sentindo muito bom e o que é mais que pode me acontecer. O que pode me acontecer é eu morrer, daí para baixo não pode mais nada, e se eu morrer vou com diversos, vai ser uma caravana, e quando os homens desistiram de mais conversar e quando eu me lembrei do recado de Elevaldo e quando vi que eles foram e eu tinha de dar uma decisão, aí não sei. (RIBEIRO, 2001, p.101).

Está explícito que *Getúlio* tem o livre-arbítrio para escolher seu caminho. Ele pode liberar o preso udenista, seguindo os conselhos do padre e as ordens que seu superior encaminhou por outrem, ou pode continuar com a missão. Tudo dependerá da sua escolha, ambas terão consequências e aí em meio a tudo isso surgirá a dúvida, sentimento que lhe atormentará, mas que será fundamental para compreensão da viagem como metáfora. Percebemos que em torno da temática abordada, há extratos textuais que condizem com o que afirmam as teorias filosóficas, aprimorando e fazendo se tornar concreto a relação tênue existente entre literatura e filosofia, e correspondendo aos

objetivos da referida pesquisa. A obra *Sargento Getúlio* apresenta fragmentos que nos levam a uma determinada reflexão embasada com as inquietações existenciais, como por exemplo: a incerteza em decorrência da liberdade:

Agora, se eu tomo o recado e não levo o homem, fico sem graça e possa ser que nem seja verdade. Se eu levo, pelo menos vejo com meus olhos, e morrer assim ou assado é a mesma coisa. Mas o chefe pode não gostar. Não sei. Não gosto. Levo ou não levo, é isso. Talvez seja melhor sofrer a sorte da gente de qualquer jeito, porque deve estar escrito. Ou é melhor brigar com tudo e acabar com tudo. Morrer é como que dormir e dormindo é quando a gente termina as consumições, por isso é que a gente sempre quer dormir. (RIBEIRO, 2007, p. 101).

No fragmento acima, o personagem principal *Getúlio*, depara-se com uma situação duvidosa. Em meio a tantas indecisões, o personagem precisaria posicionar-se e fazer uma escolha: Levar o homem até Aracaju ou libertá-lo. Ele só não poderia realizar uma escolha: que era a de deixar de escolher. Escolhendo seguir com sua missão, optando por levá-la a diante, encontrará a casa de Luzinete (descrita como uma mulher que tem xodó com ele, é enrabichada, grande, boa, que quer que ele fique por ali e faça um filho nela), localizada nas beiras de Japarutuba, o que irá provocar outro sentimento duvidoso que de uma certa maneira lhe atormentará:

Quando eu olho o seu embigo, minha filha, me dá uma tesão. É por isso que eu não estou com vontade de sair e aí vou lá buscar essa metralhadora que disseram a Amaro que tem lá, só para tirar a teima e para ver se tem mesmo, porque não vejo muitas metralhadoras por aqui, essa é que é a verdade e mesmo não gosto muito delas. Gosto de uma arma que atira com precisão, é isso que eu gosto, e elas estragam muito, não sei. Bom, vou lá. É verdade que fica esse embigo aí assim e não me dá vontade. Às vezes, penso: sabe o que é que eu faço? Penso assim: fico aqui mesmo e me emperno com ela, é uma boa mulher, é uma mulher como outra qualquer, só que das boas. E penso assim: amarro esse trempe aí e vou deixando, até abestaltar. Até esturricar. Ou senão dou um fim logo nele, enterro e acabou e vou ficando. Faço um filho, faço dois filhos, faço uma ruma de filhos. (RIBEIRO, 2007, p.114-115).

De acordo com Sartre, “se com efeito, a existência precede a essência, não será nunca possível referir uma explicação a uma natureza humana dada e imutável; por outras palavras, não há determinismo, o homem é livre, o homem é liberdade” (SARTRE, 1973, p. 15). Sendo assim, o ser humano está condenado a construir seu próprio destino através de suas próprias escolhas.

4.3 Viagem e Identidade/Alteridade

O livro posto em análise Sargento Getúlio, expõe a viagem com seus sentidos conotativos e denotativos. De fato, ocorre uma viagem, e Getúlio leva um preso udenista de Paulo Afonso até Aracaju. Dentro deste percurso temático real, temos a presença da viagem conotativa, que se apresenta como metáfora desvendando o próprio eu do personagem, e os horizontes que se abrem com as comparações, revelando uma experiência mental e imaginária. De acordo com Ianni (2003, p.13-14):

A história dos povos está atravessada pela viagem, como realidade ou metáfora. Todas as formas de sociedade, compreendendo tribos e clãs, nações e nacionalidades, colônias e impérios, trabalham e retrabalham a viagem, seja como modo de descobrir o ‘outro’, seja como modo de descobrir o ‘eu’. É como se a viagem, o viajante e a sua narrativa revelassem todo o tempo o que se sabe e o que não se sabe, o conhecido e o desconhecido, o próximo e o remoto, o real e o virtual. A viagem pode ser breve ou demorada, instantânea ou de longa duração, delimitada ou interminável, passada, presente ou futura [...] Toda viagem se destina a ultrapassar fronteiras, tanto dissolvendo-as como recriando-as. Ao mesmo tempo que demarca diferenças, singularidades ou alteridades, demarca semelhanças, continuidades, ressonâncias. Tanto singulariza como universaliza. Projeta no espaço e no tempo um eu nômade, reconhecendo as diversidades e tecendo as continuidades. Nessa travessia, pode reafirmar-se a identidade e a intolerância, simultaneamente à pluralidade e à tolerância. No mesmo curso da travessia, ao mesmo tempo que se recriam identidades, proliferam diversidades. Sob vários aspectos, a viagem desvenda alteridades, recria identidades e descortina pluralidades.

Através da travessia e do ato de viajar, irá se desmembrar uma identidade do ‘eu’ que existe ali, e a identidade do ‘outro’. Alguns fragmentos nos remetem a interpretar e concluir esses percursos temáticos do encontro do “ser”, bem como os aspectos da travessia existencial através da viagem:

Apois estou lhe dizendo que o homem que o senhor mandou em Paulo Afonso, numa noite aqui nessa sala mesmo, tomando um vermute, aquele homem que deixou o quepe pendurado nas costas de uma cadeira e pediu permissão para desabotoar a túnica e o senhor deixou e seu filho ficou olhando as duas cartucheiras e eu pedi um copo d’água e ele chamou a empregada e eu tomei a água e até na hora a barriga me coçou do lado e eu fiquei coçando e escutando, depois que bebi a água. Aquele homem que o senhor mandou nessa condição, no hudson preto com Amaro, que nem estava lá na hora e estava dormindo na Chefatura ou olhando os crentes na rua Duque de Caxia, que ele apreciava os cantos dos crentes, eu acho, pois então, aquele homem que o senhor mandou não é mais aquele. Eu era ele, agora eu sou eu [...] estou lhe dizendo, doutor, não sou mais aquele que o senhor mandou para Paulo Afonso, eu era ele e agora eu sou eu. Isso mesmo eu digo com as vistas nas vistas dele e lhe deixo lá, amarrado e sem dente e com minha cara de cinza e com minha mulher de lua, vou no mundo. Eu moro no mundo mesmo, pronto. É por isso que eu paro aqui e fico aguardando a melhor hora. (RIBEIRO, 2007, p. 158).

O Personagem *Getúlio* encontra sua verdadeira essência em consequência desta viagem, em ângulo mais preciso após um diálogo com um padre, ele percebe que não há como sumir, nem abandonar sua missão, posto que essa atitude “mataria” o sentido da sua vida, do seu existir. Esse encontro concretizado por intermédio da viagem é exposto de maneira metafórica. Ricoeur (2000) exhibe uma “via árdua” em seu livro: *A Metáfora Viva*, que é a procura do acesso à existência por meio da semântica. Para uma compreensão melhor do que ele nomeia “via árdua”, é interessante entender seu diálogo com dois extremos distintos: o cogito cartesiano e as filosofias que impõe o sujeito como seu ponto de partida e as hermenêuticas da suspeita ou filosofias que negam o sujeito. Um sujeito não é transparente a si mesmo, não é o “eu” de uma representação dada a si mesmo como ponto de partida, mas um sujeito que se descobre como “si mesmo” ao ponto de chegada de um longo percurso.

5. CONCLUSÃO

Acerca dos resultados obtidos na atual pesquisa, percebemos a presença constante de percursos figurativos que se remetem às questões metafóricas, bem como a relação transcendental entre a literatura e filosofia, e essa descoberta nos permite olhar para a obra de uma maneira mais refinada, refletindo sobre a literatura como um repositório e como refração de saberes filosóficos formalmente reconhecidos no meio acadêmico e de saberes bricolamente engendrados no seio da cultura, perspectivando a literatura como intérprete e reesritora de novos sentidos filosóficos, que embora sejam fictícios não fogem do real, mantendo a relação da verossimilhança, e fortificando a ideia de apreciar a literatura como uma fonte palimpsêstica, dotada de vestígios de outras fontes, outras histórias, outros saberes.

Estando em meio a essa determinada complexidade, analisamos os percursos temáticos e figurativos dos discursos, compreendendo a existência de um interdiscurso, que ficou bem entendido quando nos embasamos e fizemos referência às teorias e distinções feitas por Maingueneau (1995). A abordagem introduzida neste trabalho é o que chamamos de hermenêutica interdiscursiva. Isto porque se trata de uma hermenêutica com degrau analítico, que conjuga elementos da semântica discursiva.

Por não haver temas especificamente literários e pela potência palimpsêstica e pluridiscursiva da literatura, “a obra pode ser concebida e julgada do ponto de vista de

qualquer dos valores nela contidos” (MUKARÓVSKY, 1981). Tornando-se assim evidente a abundante presença dos temas existenciais e discursos filosóficos no seio da obra literária em foco, num diálogo interdiscursivo incessante, num processo que configure relações de concordância e discordância com os textos/discursos das filosofias. De modo que iremos reforçar a ideia de que qualquer compreensão relativa ao humano que vive neste contexto não poderá dispensar o estudo em torno das visões operadas no seio da literatura nem o diálogo que esta estabelece com as filosofias da existência.

ABSTRACT

In this article, we aim to analyze the literary work *Sargento Getúlio*, from João Ubaldo Ribeiro, a Northeastern proseist, writer of differentiated themes, nationally and internationally known. We will search to identify figurative pathways that refer to existentialist metaphorizations and conceptualizations that express human characteristics, such as fear, doubt, liberty, hope, solitude, in particular the relationship of the *trip* that crops up in the literary work with a metaphoric content, likely to institute the identity of the character. Intend to expose interdiscursively the relationship that exists between literature and philosophy, relating the philosophic theories with textual extracts of the work in focus, thus interpreting senses inserted in the metaphorical pluridiscursivity of the work, reflecting about the palimpsestic value of literature, as well as the essence of the character *Getúlio*. We will use as theoretical referential Ianni (2003), Ricoeur (2000), Brait (2006), Maingueneau (1995), Ribeiro (1982), and others.

KEY-WORDS: Romance .Trip. Existentialism. Metaphor.

REFERÊNCIAS

AMORIM, José Edilson de. SILVA, Maria Célia Ribeiro da. AYALA, Maria Ignez Novais. PINHEIRO, Hélder (org). **Pesquisa em literatura**. Campina Grande: Bagagem, 2011.

BAKHTIN, M. O problema do texto (1959-1961). In: **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão Gomes e Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BELO, Fábio Roberto Rodrigues. **Dominação e violência, entre a história e a ficção: uma análise de Sargento Getúlio de João Ubaldo**. 2007. Disponível in <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ECAP-79YGNA>> Acesso em : 05 de maio de 2014.

BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006.

FERNANDES, José. **O existencialismo na ficção brasileira**. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, 1986.

GENETTE, Gerard. *Palimpsestes: La littératureuseconddegré*. 1982.

GIACON, Eliane Maria de Oliveira. **Acervo Capiroba: Um estudo (da) e (sobre) a obra Ubaldiana (1968-2008)**. 2008. Disponível in: <http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/035/ELIANE_GIACON.pdf> Acesso em : 05 de maio de 2014.

HUISMAN, D. **História do Existencialismo**. Tradução de Maria Leonor Loureiro. Bauru: EDUSC, 2001.

IANNI, O. “A metáfora da viagem”. In: _____. **Enigmas da modernidade – mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências da Análise do Discurso**. 2 Ed. Campinas: Pontes, 1995.

MATIA, Katia Carolina de. MOURA, Wilson Rodrigues de. **A constituição trágico-metáforica do sertão na obra Sargento Getúlio de João Ubaldo Ribeiro**. 2010. Disponível in <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/7460>> Acesso em : 05 de maio de 2014.

MUKAŘOVSKY, Jan. **Escritos sobre estética e semiótica da arte**. Lisboa: Editorial Estampa, 1981.

RICOUER. Paul. **A Metáfora Viva**. São Paulo: Loyola, 2000.

RIBEIRO, João Ubaldo. **Sargento Getúlio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SAMOYAUULT, Tiphaine. **A Intertextualidade**. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. 3. ed. Tradução e notas de Vergílio Ferreira. São Paulo-SP: Nova Cultural, 1973, p. 7-38. (Os Pensadores).